



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ENEILDO TERTULIANO LEAL

O VAQUEIRO E SUAS IDENTIDADES NO SEMIÁRIDO DE PICOS PIAUÍ
(1985-1990)

PICOS - PI

2025

ENEILDO TERTULIANO LEAL

**O VAQUEIRO E SUAS IDENTIDADES NO SEMIÁRIDO DE PICOS-PIAÚÍ
(1985-1990)**

TCC II apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – Picos, como requisito parcial para obtenção de qualificação.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

PICOS – PI

2025

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

L435v

Leal, Eneildo Tertuliano.

O vaqueiro e suas identidades no semiárido de Picos Piauí (1985-1990) /
Eneildo Tertuliano Leal – 2025.

51 f.

1 Arquivo em PDF.

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo, CSHNB.
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do
Piauí, Curso de Licenciatura em História, Picos, 2025.

“Orientador: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro”.

1. Semiárido - Picos. 2. História do Piauí. I. Leal, Eneildo Tertuliano. II.
Monteiro, Francisco Gleison da Costa. III. Título.

CDD 981.22

Elaborada por Maria Letícia Cristina Alcântara Gomes
Bibliotecária CRB nº 03/1835

ENEILDO TERTULIANO LEAL

**O VAQUEIRO E SUAS IDENTIDADES NO SEMIÁRIDO DE PICOS-PIAÚ
(1985-1990)**

Monografia apresentada ao Curso de História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito final para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

Aprovado em: 02/07/2025

BANCA EXAMINADORA

FRANCISCO GLEISON DA
COSTA
MONTEIRO:44862385320

Assinado de forma digital por
FRANCISCO GLEISON DA COSTA
MONTEIRO:44862385320
Dados: 2025.07.05 17:55:47 -03'00'

**Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro – Orientador
Universidade Federal do Piauí – UFPI**

Documento assinado digitalmente
 JOSE LINS DUARTE
Data: 07/07/2025 08:47:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dr. José Lins Duarte
Examinador Interno – UFPI**

Documento assinado digitalmente
 JOHNY SANTANA DE ARAUJO
Data: 11/07/2025 15:34:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dr. Johny Santana de Araújo
Examinador Externo – UFPI/PPGHB**

PICOS – PIAUÍ
2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente pelas bênçãos que Ele me proporciona a mim, o dom da vida e do amor pelo que faço, por ter me dado saúde e minha fé no Senhor para enfrentar as dificuldades e percalços ao longo do caminho, e por diariamente, me proteger e proporcionar a força necessária para correr atrás dos meus sonhos.

Agradecer é fundamental neste momento, a muitos sofrimentos e percas da morte de meu maravilhoso herói meu pai no início do ano de 2025 e do meu sogro recentemente. Mas pra chegar ate aqui, isso só foi possível, pela graça de Deus, minha família o meu Professor um grande amigo, com ajuda de Deus nós demos as mãos e essa união fez com que a gente chegasse nesses resultados satisfatórios, no qual sempre acreditando em mim.

Agradeço de modo tão especial ao meu Professor Francisco Gleison da Costa Monteiro e orientador por toda a aprendizagem, pela paciência e sempre se fazer presente para auxiliar e ajudar no meu desempenho, e considerar algumas faltas minhas por questão de trabalho, por conhecer a nossa realidade e me ensinar tanto nesta caminhada, aos meus companheiros de classe por estarem prontos ajudar, quando pode estava presente com eles tornando muito especiais.

Não poderia também de deixar de agradecer a toda a Instituição Universidade Federal do Piauí. Desde da parte das diretorias acadêmicas até o pessoal da limpeza, e a toda equipe do R.U muitas amizades construídas, fez todo isso ser possível ao longo da minha caminhada de vida aqui dentro aos qual tenho muito carinho e apreço.

Além disso, a todos meus professores e professoras que de prontidão me recebeu muito bem, além de ser atenciosos(a) e prestativos(a) dentro das suas possibilidades, na qual tenho grande carinho e apreço, por toda a confiança e respeito depositado a minha pessoa, com a certeza que todos foram uma peça fundamental e importante para a realização do êxito deste tão sonhando sonho se tornar realidade.

Meu muito obrigados, Deus louvo a ti pela vida de todos, Amém, Amém!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as atividades e a representação identitária dos vaqueiros no Piauí, mais especificamente no município de Picos, a partir de sua formação, pois, assim como vários municípios do Piauí, o município de Picos nasceu da pecuária. Desse modo, a prática dos vaqueiros tornou-se culturalmente significativo no interior do nordeste, a partir do assentamento de fazendas e do trabalho com a pecuária. Para construção teórica da pesquisa, serão utilizados autores piauienses que tratam sobre a temática, tais como: Tanya Brandão, Teresinha Queiroz, Luiz Mott, Claudete Dias, Odilon Nunes, Aline Sales e Miridan Falci. Na qual a delimitação do tempo histórico e espaço, se deu devido a percepção que somente na década de 1980 que a vaquejada, ou seja, o ofício do vaqueiro, veio se transformando e hoje é tida e praticada por muitos, como esporte e espetáculo. Deste modo, o trabalho abrange elementos conceituais de identidade cultural, pois, quando volta-se para a constituição da identidade, uma vez moldado pelo ambiente, e podendo organizar esse ambiente conforme suas vontades, por esse motivo a pesquisa se limita ao semiárido de Picos, no Piauí. Problematizar a identidade e seus estereótipos que ao longo do tempo foi sendo incorporada a figura do vaqueiro surge como a principal inquietação da proposta de pesquisa, para perceber o processo que configurou e perpetuou esse ideário, e atualmente ainda persistir-te na cidade de Picos, no Piauí, a uma identidade naturalizada ou construída historicamente.

Palavras-chave: Representação, Vaqueiro, Assentamento, Identidade.

SUMMARY

This work aims to analyze the activities and identity representation of cowboys in Piauí, more specifically in the municipality of Picos, from its formation, since, like several municipalities in Piauí; the municipality of Picos was born from cattle ranching. Thus, the practice of cowboys became culturally significant in the interior of the northeast, from the settlement of farms and work with cattle ranching. For the theoretical construction of the research, authors from Piauí who deal with the theme will be used, such as: Tanya Brandão, Teresinha Queiroz, Luiz Mott, Claudete Dias, Odilon Nunes, Aline Sales and Miridan Falci. In which the delimitation of historical time and space, was due to the perception that only in the 1980s that the vaquejada, that is, the cowboy's trade, began to transform and today is considered and practiced by many, as a sport and spectacle. Thus, the work encompasses conceptual elements of cultural identity, since, when it turns to the constitution of identity, once shaped by the environment, and being able to organize this environment according to one's wishes, for this reason the research is limited to the semi-arid region of Picos, in Piauí. Problematizing the identity and its stereotypes that over time have been incorporated into the figure of the cowboy emerges as the main concern of the research proposal, to perceive the process that configured and perpetuated this ideology, and currently still persists in the city of Picos, in Piauí, to a naturalized or historically constructed identity.

Keywords: Representation, cowboy, settlement, identity

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. Nem voam, nem se podem flutuar”: os vaqueiros e as vaquejadas na região de Picos – Piauí.....	16
2.1. A identidade cultural do vaqueiro e sua relação com o meio social na região de Picos, Piauí.....	17
2.2. Desmitificando a imagem do vaqueiro como um sujeito rude, ignorante e atrasado.....	26
3. Da pecuária à vaquejada: o ofício do vaqueiro e seus percursos e adaptações ao meio social.....	29
3.1. O vaqueiro e a pecuária: a importância do vaqueiro no desenvolvimento da região de Picos-PI.....	33
3.2 O vaqueiro ainda tem espaço nessa sociedade moderna? As vaquejadas como forma de resistência cultural do vaqueiro.....	38
4. Considerações finais.....	47
5. REFERÊNCIAS:.....	49

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar as atividades e a representação identitária dos vaqueiros no Piauí, mais especificamente no município de Picos, a partir de sua formação, pois, assim como vários municípios do Piauí, o município de Picos nasceu da pecuária. Desse modo, a prática dos vaqueiros tornou-se culturalmente significativo no interior do Nordeste, a partir do assentamento de fazendas e do trabalho com a pecuária. Para a construção teórica da pesquisa, serão utilizados autores piauienses que tratam sobre a temática, tais como: Tanya Brandão, Teresinha Queiroz, Luiz Mott, Claudete Dias, Odilon Nunes, Aline Sales e Miridan Falci, entre outros.

O interesse pela temática voltada à identidade cultural do vaqueiro está, no primeiro momento, relacionado à imagem tradicional do vaqueiro que faz parte da paisagem da minha infância. Sendo marcado em minhas memórias, por meio de estereótipo que, atualmente, não condiz com a figura do vaqueiro. Certamente que, junto às motivações pessoais, formadas pela vivência cotidiana com meu avô, um vaqueiro, se entrelaçam com a pesquisa do historiador, motivada pela importância de perceber a formação social e identitária dessa figura imponente que faz parte da história do nordeste brasileiro.

Pensar a identidade requer um passeio aos conceitos presentes na história, pois, na perspectiva do senso comum, quando se reporta para o conceito de identidade, volta-se para características próprias de determinado indivíduo, diferenciando-o de outro indivíduo. Já segundo Bauman (2005), a identidade nasceu da crise do pertencimento, no qual o Estado buscava a obediência de seus indivíduos, bem como esses indivíduos, uma nação propriamente dita, sem este Estado destinava-se a ser insegura a respeito de seu passado, incerta do presente e principalmente seu futuro seria cheio de dúvidas. Para o mesmo autor, a identidade nacional passa a ser imposta, e quem governa decide a nacionalidade, e um destino compartilhado por uma nação, mas que permanece incompleta, devido ao poder de exclusão e da distinção do traçar, impor e policiar a fronteira entre nós e “eles”.

Os conceitos são de fundamental importância para fundamentar a pesquisa, assim como perceber a figura do vaqueiro através deles. Assim como identidade, a cultura também partilha de uma posição significativa na compreensão da temática, visto que o vaqueiro se tornou não somente uma figura identitária, mas um elemento cultural dos nordestinos. Desse modo, o trabalho a ser desenvolvido aqui abrange elementos conceituais de identidade cultural, pois, quando se volta para a constituição da identidade, entende-se que o indivíduo faz parte de um determinado ambiente, e esse ambiente é constituído de determinada cultura, que por sua vez, influencia na formação dessa identidade, porém, com diversas mudanças, essa identidade torna-se múltipla, capaz de oferecer ao indivíduo, caminhos distintos, opções a seguir, sendo ele responsável também pela formação dessa identidade. Uma vez moldado pelo ambiente, e podendo organizar esse ambiente conforme suas vontades, por esse motivo a pesquisa se limita ao semiárido de Picos, no Piauí, que vai de 1985 a 1990.

Perceber uma definição da identidade cultural dos vaqueiros piauienses, e de forma mais específica os vaqueiros em Picos no Piauí, permiti que eles sejam inseridos em uma esfera social que segundo normas e valores historicamente estabelecidos, os interligam nas representações sociais sistemas de valores, processos cognitivos e fatores emocionais. Para isso, colocar o saber popular e o folclore como conhecimentos legítimos para o fazer historiográfico será de grande ajuda para a constituição deste trabalho. Pois sabemos que o vaqueiro foi e ainda é detentor de vasto conhecimento tanto do seu labor quanto dos conhecimentos da localidade, clima, animais, solo, etc., portanto,

apesar das intenções que tinham os folcloristas ao registrar costumes, rituais, poesias e provérbios populares, o resultado deste empenho se constituiu, não raro, na única forma possível de aproximação com realidades e significados que escaparam ao registro institucional. (Medrado, 2009, p. 3).

Ou seja, seguindo por esse caminho, fugimos daquela crença muito empregada pelos historicistas alemães que acreditavam que só poderiam fazer história por meio das análises das fontes institucionais, tidas por eles como fontes oficiais.

Dito isso, a delimitação do tempo histórico e espaço se deu devido à percepção de que somente na década de 1980 que a vaquejada, ou seja, o ofício do vaqueiro, veio se transformando e hoje é tida e praticada por muitos, como esporte e espetáculo. Nessa prática, os vaqueiros são considerados especialistas em participar desses eventos, sendo vaquejadas, atividades esportivas, competições e espetáculos. No passado, esta era considerada apenas uma atividade de campo, trabalhando com pecuária, mas hoje é uma atividade em que os participantes são competidores. Estes eventos estão marcados no calendário com a data e hora, o relacionasse com os principais patrocinadores que apoiam o evento. O espírito competitivo do ambiente de festa atrai multidões e faz paixão pelos participantes da vaquejada moderna. É importante lembrar que a figura do vaqueiro está atrelada ao heroísmo e misticismo, pois adquirindo tais feitos, esses sujeitos são reconhecidos e ganham prestígio na comunidade local.

O vaqueiro misterioso, tal qual retratado por Cascudo é, portanto, um tipo desconhecido e quase uma entidade. Nada tem a ver com o vaqueiro de carne e osso que, pela repetição do sucesso e pela habilidade adquirida, se torna afamado no lugar e recomendado alhures. Nos casos contados pelos vaqueiros nas entrevistas de 1987 são mais comuns e mais vibrantes as histórias nas quais o vaqueiro consegue laçar o boi e trazê-lo para a fazenda, reavendo um prestígio eventualmente perdido na comunidade ao “quebrar” a fama de um boi. (Medrado, 2009, p. 5-6).

Para compreender tais mudanças, se faz necessário perceber, através do ofício do historiador que a caminhada nas nuances do ofício, perpassa seu bosque (o bosque da pesquisa, dos questionamentos), de mãos dadas (com um mesmo objetivo), na contramão de uma realidade: as grandes divergências da teoria e da prática. E como bem nota Edward Carr (1985): “A função do Historiador não é amar o passado ou emancipar-se do passado, mas dominá-lo e entendê-lo como a chave para a compreensão do presente”. (Carr. 1985, p. 35):

É nesta busca pela conexão do passado, memória e agora, a capacidade de construção histórica, que se pode encontrar maneiras de saber que essas mudanças ocorrem. As alterações ocorridas no cenário nordestino, de forma específica no contexto do vaqueiro, com a apartação posterior da vaquejada, no início do século XX. Partindo

deste viés, classifico a presente proposta de pesquisa como algo oriundo de inquietações múltiplas que passeiam pelos campos da história cultural e dos conceitos, que, segundo Stuart Hall, a identidade está profundamente envolvida no processo de representação. Assim, a moldagem e a emoldarem de relações tempo-espaço no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre como as identidades são localizadas e representadas”. (HALL, 2005).

Dessa forma, a década de 1980, como sabemos, foi um período de grande significado para a História do Brasil, devido à sua complexidade de questões políticas, econômicas e sociais. Com as comunidades de vaqueiros, por fazerem parte de uma mesma sociedade, não foi diferente, pois desde a década de 1980 esses atores sociais passaram por muitas transformações, reflexo dessas mudanças sociais. Pois, na busca pela percepção das práticas e representações culturais que vêm se transformando na comunidade dos vaqueiros, constatamos, segundo Audrey Tapety, “que não devemos pensar numa desagregação identitária desses sujeitos, mas em multiplicidade de pluralidade de identidade que se formaram por meio de influências de novos códigos culturais” (TAPETY, 2007, p. 22).

Ou seja, esses sujeitos não estavam isolados das transformações sociais, políticas e culturais que o Brasil sofreu naquele período. A profissão do vaqueiro, desde o período imperial, foi uma luta incessante pela sobrevivência e por uma busca pelo pedaço de terra para não depender tanto da figura dos fazendeiros, tendo em visto que os vaqueiros trabalhavam nessas fazendas e ficavam dependentes desses grandes fazendeiros. Assim, no período analisado, esse cenário vai mudando com as lutas sociais pela terra. É naquela ocasião que sujeitos das classes mais baixas ganham destaque, pois vendo as mudanças política naquela década de 1980 colocaram em voga uma discussão que até hoje não foi encerrada, que é a questão agrária. No entanto,

Proprietários de terra e empresários rurais consideram inadmissível a defesa, pelo governo, de uma reforma agrária como política social. Eles argumentam que, na atual conjuntura, um discurso pautado pelo social inevitavelmente abrirá espaço para discussão sobre o uso social da terra e poderá legitimar, perante a sociedade, a desapropriação como instrumento prioritário da reforma. (Bruno, 2008, p. 288).

As elites sempre foram contrárias a uma reforma agrária, não é à toa que durante o período analisado, o avanço do agronegócio pelo norte do país cresceu e se mantém até os dias de hoje. A chamada revolução verde conseguiu concentrar maiores porções de terras para uma maior produção. Desse modo, entendemos os motivos das disputas de terras serem mais intensas nas regiões norte e nordeste. De um lado, tem os grandes agricultores que agem como verdadeiros coronéis do sertão; do outro, tem os pequenos produtores rurais, vaqueiros, posseiros, comunidades quilombolas e indígenas que dependem desse pequeno punhado de terra para sobreviverem.

Portanto, analisar a identidade do vaqueiro no semiárido picoense, contribui não somente para a historiografia do Brasil, mas para história do Piauí como um todo. Cabe ressaltar que a memória só é história se for questionada, buscando compreender como essas práticas e expressões culturais são representadas como relações sociais e construções identitárias no campo da semiótica, como a formação de símbolos. Note-se que estes símbolos, ao longo do tempo, sofrem transformações, contudo isso não significa que estes símbolos e estas novas formas de representação não estejam associadas ao antigo sistema de relações sociais e simbolismo, implica novos comportamentos na geração contemporânea. Para isso, esses símbolos devem ser atualizados com modernos, com novas regras e formas de representação, como é o caso dos estereótipos ligado ao vaqueiro.

O “poder simbólico” é um elemento fundamental da nossa sociedade contemporânea, relacionado aos elementos que dominam e preservam o atual status quo. Segundo Bourdieu (2005), hábitos e ferramentas de ação na sociedade são estabelecidos por elementos simbólicos. É na busca da conexão entre passado, memória e presente como possibilidade de construção da História que buscamos dar a conhecer essas transformações. Desse modo, este trabalho se justifica, pois, se faz necessário perceber as mudanças que ocorrem no roteiro nordestino, especialmente no contexto vaqueiro, com a substituição de apartação por vaquejada, no início do século XX.

Na produção dessa pesquisa, se fez necessário a utilização de fontes e o método com os quais serão utilizadas. Foi escolhido, para analisar a formação identitária do vaqueiro em Picos no Piauí, durante os anos de 1985 a 1990, fontes que retratavam o

assunto, como, por exemplo, a revisão bibliográfica de autores da historiográfica piauiense, como: Tanya Brandão, Teresinha Queiroz, Luiz Mott, Claudete Dias, Odilon Nunes, Aline Sales e Miridan Falci.

Posteriormente, buscamos, por meio da história oral e da memória, compreender como foram criadas as identidades culturais desses atores sociais, com o propósito de ampliar as discussões da prática. A partir de entrevistas com vaqueiros de Picos, que viveram durante o recorte temporal da proposta de pesquisa, podemos entender como esses atores sociais percebem essas variações das práticas e representações vaqueiros do Piauí. Assim,

como procedimento metodológico, a história oral busca registrar – e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos. (MATOS; SENNA, 2011, p. 97).

Atualmente, a história oral vem ganhando destaque na historiografia, pois ela nos permite fazer dos entrevistados verdadeiras figuras históricas vivas que presenciaram as mudanças históricas e que nos podem servir como testemunhas do passado. No entanto, devemos tomar cuidado para que nem tudo o que o entrevistado fale seja tomado como verdade, pois as memórias são traiçoeiras e podem nos enganar.

Os critérios utilizados para formular boas perguntas e obter boas respostas são muito importantes na elaboração de uma pesquisa com fontes orais. Após a escolha da forma de entrevista e do perfil do grupo de candidatos a serem estudados, realiza-se a avaliação das respostas, verificando a validade das mesmas, de uma das três maneiras seguintes, conforme aponta LODI (1977: 19): comparando-a com uma fonte externa; comparando-a com a de outro entrevistado; observando as dúvidas, incertezas e hesitações demonstradas pelo entrevistado. (MATTO; SENNA, 2011, p. 103-104).

Nessa visão, o principal sistema de método será baseado na história oral, que estará disponível em todos esses estudos, porque entendemos a importância de analisar o processo de rearranjo e editar as cores culturais do vaqueiro. E principalmente, a identidade cultural de vaqueiro. Como uma maneira "para dar voz" a esses sujeitos neste trabalho, expandindo o conhecimento sobre seu estilo de vida, seu costume.

Os aspectos estressantes de sua vida cotidiana nos permitiram aumentar o acesso histórico à história desses atores sociais marcavam a história da cidade de Picos, não apenas relacionadas ao início dos primeiros dias de povoamento, mas em outros momentos importantes da formação sociopolítica e cultural do Piauí. Nos dizeres da historiadora Claudete Dias (1996, p. 77). “O vaqueiro não era um trabalhador comum e a “classificação” de vaqueiro atraía a todos, a maior felicidade consistia em merecer algum dia o título de vaqueiro”. Essa imagem do vaqueiro era vista como algo bom pela sociedade, pois carregava prestígio. Assim,

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui, o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, sendo o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p. 5).

Para finalizar a explanação da metodologia, pode-se perceber que a representação cultural do vaqueiro em Picos, pode ser percebida por meio de produções literárias da cidade, possíveis de serem conceituadas como literatura de cordel, outra fonte utilizada na percepção da identidade e estereótipos empregados a figura do vaqueiro. “Escrita do ordinário”, o cordel pode ser visto como “repositórios de informações históricas” (SILVA, 2008, p. 160).

Como também, será utilizado a literatura sobre a temática, como fonte de pesquisa, trazendo para a proposta da monografia desenvolvida posteriormente, como, por exemplo, o livro “Ataliba, o vaqueiro”, do escritor Francisco Gil Castelo Branco, analisando, principalmente a identidade cultural construída pelo autor. Essa identidade foi se transformando com o advento da modernidade, mas a cultura das vaquejadas permaneceu e se adaptou ao contexto social.

Nesse sentido, o sujeito vaqueiro está vivendo a desvinculação, encontrando-se desterritorizado em relação à propriedade de seus padrões, processo que dá início a um deslocamento de cultura, e que abre horizontes para uma subjetividade configuradora de identidades flutuantes na modernização de

novas práticas e hábitos que não sege mais um modelo padrão desse sujeito e seus valores. Vejo também que essa nova configuração identitária, que tem início no final do século XX e início do século XXI, não esmaece o fascínio exercido pela figura do vaqueiro, mas o desloca e incorpora novos valores multiculturais, pluri-identitários, assumindo não apenas a postura de ser vaqueiro, mas associando a ela outras condições de existência que lhe atravessam. (BRITO; VIANA, 2016, p. 259).

2. “Nem voam, nem se podem flutuar”: os vaqueiros e as vaquejadas na região de Picos – Piauí

Com a mesma disposição de todos os dias, o vaqueiro inicia sua jornada de trabalho sempre muito focado nas suas tarefas diárias. Transforma as durezas da profissão em cantos e aboios, dando a ideia de que a sua lida é um fardo leve. Quem conhece o dia a dia de um vaqueiro não tem a menor ideia dos desafios enfrentados por ele. É uma profissão de risco, mas de amor ao mesmo tempo. Patrões, vaqueiros e peões picoenses se encontram na mais pura animação para contar suas histórias e correr na pista de vaquejada o mourão.

Os mesmos se encontram no Parque Joaquim de Pedro, realizando suas atividades recreativas-competitivas para melhor desempenho no ciclo do gado nordestino. A vaquejada do sertão nordestino passou por processos de mudanças. A vaquejada na cidade de Picos se iniciou na década de 80, sendo que era realizada pela manhã e durante o dia todo e por volta das cinco horas da tarde acabavam com as atividades, pois não havia energia no parque naquela época, os vaqueiros se utilizavam da vaquejada como meio de esporte, naquele tempo eram poucas as regras e umas delas, o boi saísse do jiqui o vaqueiro deveriam derrubar o boi e sair arrastando até o meio das duas linhas que forma a faixa da vaquejada e se não colocasse no meio não valeria o boi. Este esporte era passado de pai para filho e assim as pessoas iam tomando gosto. Neste tempo não existia investimento, pouco dinheiro que por ali circulava.

Atualmente a vaquejada tomou outros rumos, devido à coragem e perseverança de pequenos fazendeiros onde eles tiveram a iniciativa de transformar a vaquejada em uma festa popular e tradicional da região reunindo vaqueiros de várias partes do nordeste, colocando boiadas boas para correr na pista de mourão e assim atraindo um grande público para prestigiar esta festa considerado como “bolões de vaquejada”. Portanto, para poderem realizar esta festa, os vaqueiros têm que pagar uma quantia em dinheiro para ter direito à senha, o que dá o direito do vaqueiro participar da disputa.

O dinheiro é usado para a organização do evento e para a premiação dos vencedores. O vaqueiro diz que a vaquejada está no sangue do nordestino, pois a vaquejada começou como um meio de trabalho sem interesses em fins lucrativos e sim como necessidade pelos moradores das fazendas por irem às chapadas atrás do gado a mando do patrão. Portanto, a vaquejada vem crescendo cada vez mais e assim já é vista como um esporte, que ao longo do tempo vem despertando interesse de empresários que usam a vaquejada como atividade de lazer e assim aproveitando seu nome para divulgação de seus produtos.

2.1. A identidade cultural do vaqueiro e sua relação com o meio social na região de Picos, Piauí

A história dos vaqueiros na região de Picos, no Piauí, está profundamente enraizada na cultura e no desenvolvimento econômico do sertão nordestino. Picos é uma cidade que fica localizada no semiárido piauiense, na qual a pecuária sempre desempenhou um papel fundamental na economia local, e os vaqueiros são figuras centrais nessa atividade.

Os vaqueiros surgiram como uma necessidade para cuidar do gado em vastas extensões de terra. Eles eram responsáveis por pastorear, cuidar, marcar e, muitas vezes, capturar o gado que se espalhava pelos campos abertos, conhecidos como caatinga. A prática da “vaqueiragem” remonta aos tempos coloniais, quando o gado bovino foi introduzido na região pelos colonizadores portugueses. Ainda acerca dessa profissão do vaqueiro, a historiadora Ivana Campelo (2020) diz o seguinte:

A denominação “vaqueiro” diz respeito diretamente à lida com o gado. Contudo, observa-se que suas atividades não se limitavam a esta tarefa,

incorporando também o sistema de administração da propriedade e controle dos trabalhadores. Os vaqueiros poderiam ser, dessa forma, segundo Solimar Lima, divididos em duas categorias, “vaqueiro preposto” e “vaqueiro trabalhador”. O vaqueiro preposto, homem livre pobre, branco ou mestiço, escolhido pelo proprietário, com o qual mantinha laços mais próximos de convivência, era tido como um “homem de confiança”, em alguns casos, parente do proprietário. (MELO, 2020, p. 159).

Na região de Picos, os vaqueiros ganharam destaque por sua habilidade em lidar com as adversidades do terreno acidentado e com a vegetação espinhosa da caatinga. Além das funções práticas relacionadas ao manejo do gado, os vaqueiros de Picos também se tornaram figuras simbólicas, representando a resistência e a determinação do povo sertanejo. Essa resistência é observada no modo como estes lutavam por um pedaço de terra para exercer o seu labor, pois, como sabemos, a elite colonial piauiense era quem detinha a maior posse de terras nesta região, como bem nos elucida a historiadora Tânia Brandão (1995):

Em relação à concentração da posse da terra, outro elemento acima apontado como indicador de que a propriedade fundiária era um tipo de patrimônio restrito à camada dominante, é interessante que se retomem alguns aspectos da colonização. Já foi colocado que uma das características dos fazendeiros do Piauí era a ambição de possuir, cada vez mais, maior extensão de terra sob seu domínio, comportamento que não decorria apenas dos aspectos climáticos regionais e das exigências da pecuária extensiva e itinerante. (BRANDÃO, 1995, p. 247).

Essa conclusão de sua tese nos dá a entender que a posse dessas terras também dependia da busca por mais poder entre as grandes famílias, pois a quantidade de posse de terras era outro fator que determinava o grau de riqueza e poder naquele período. Mas, saindo um pouco dessa celeuma, falamos um pouco da cultura das tradições dos vaqueiros.

Os vaqueiros em Picos e no Nordeste em geral cultivaram uma rica cultura que inclui vestimentas típicas, como o gibão de couro, chapéu de couro, perneiras e luvas, que são adaptadas para proteger o corpo dos espinhos e do sol intenso, cujo escritor Euclides da Cunha (2013) compara essas vestimentas com as armaduras dos cavaleiros medievais.

Além disto, atestam-no os nossos admiráveis patrícios dos sertões, aquela vestidura bizarra, capaz, em que pese ao seu rude material, de se afeiçoar aos talhos de uma plástica elegante, parece que robustece e enrija. É um mediador de primeira ordem ante as intempéries. Atenua o calor no estio, atenua o frio no inverno; amortece as mais repentinas variações de temperatura; normaliza a economia fisiológica, e produz atletas. Harmoniza-se com as maiores vicissitudes da guerra. Não se gasta; não se rompe. Depois de um combate longo, o lutador exausto tem o fardamento intato e pode repousar sobre uma moita de espinhos. Ao ressoar de um alarma súbito, apruma-se, de golpe, na formatura, sem uma prega na sua couraça flexível. Marcha sob uma chuva violenta e não tiritia encharcado; depara, adiante, um ervaçal em chamas e rompe-o aforradamente; antolha-se-lhe um ribeirão correntoso e vadeia-o, leve, dentro da véstia impermeável. (CUNHA, 2013, p. 377).

Por outro lado, as festas de vaquejada, onde os vaqueiros demonstram sua habilidade em capturar o boi, tornaram-se eventos tradicionais e uma importante manifestação cultural que permanecem até os dias de hoje, gerando um certo movimento na economia piauiense e mantendo viva a cultura do vaqueiro. Assim,

Vaqueiro, como profissão e vaquejada como atividade esportiva e competitiva, pois a forma da labuta com o gado, a vestimenta e as “pegas de boi no mato” não mudaram; correr atrás do animal desgarrado faz parte do seu dia a dia. Porém vêm ocorrendo transformações na vida desses vaqueiros. Tais mudanças afetaram as “pegas de boi” ou festas de apartação nas fazendas, antiga vaquejada de mourão, que aos poucos veio se modificando e, a partir dos anos 1980, passou a ser praticada como esporte, que é a vaquejada moderna, muito praticada no Piauí e em todo o Nordeste. (SALES, 2015, p. 31).

Diante disso, problematizar a identidade e estereótipos que ao longo do tempo foi sendo incorporada a figura do vaqueiro, urge como a principal inquietação da proposta de pesquisa, assim como, perceber o processo que configurou e perpetuou esse ideário, e atualmente ainda persistir-te na cidade de Picos, no Piauí, ou seja, seria uma identidade naturalizada ou construída historicamente?

Para sanar as variadas perguntas que a temática sugere, pretende-se analisar as múltiplas representações literárias a respeito do vaqueiro, e associá-las às propostas de problematização presentes tanto na obra de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011), quando questiona as configurações imagéticas discursivas a respeito do Nordeste e dos nordestinos, quanto no trabalho de Alcebíades Costa Filho (2010), que historicamente o discurso cristalizado que constituiu uma cultura e identidade única, caracterizada como identidade do Piauí.

Dessa forma, temos como objetivo geral analisar as atividades e a representação identitária dos vaqueiros no Piauí, mais especificamente no município de Picos, a partir de sua formação. E como objetivos específicos temos como foco: compreensão do mundo do trabalho, do vaqueiro e das vivências cotidianas que desenvolveram esses sujeitos, pautadas no cotidiano das fazendas; problematizar os estereótipos empregados na figura do vaqueiro, a partir das transformações identitárias; reconhecer produção de literatura ficcional, que tem repercussão nacional sobre a construção da imagem de um vaqueiro pertencente a uma limitação espacial desenvolvida em Picos.

Para compreender o surgimento da figura do vaqueiro, se faz necessário perceber como ocorreu o processo, partindo principalmente da construção historiográfica piauiense e posteriormente se reportando à cidade de Picos, o campo de estudo da proposta de pesquisa.

Segundo a autora Sales (2015, p. 23), as origens do município de Picos, como outras cidades do Piauí, nascem da atividade pecuária com a construção de uma fazenda às margens do rio Guaribas, inicialmente com criação de gado. Assim, a população dos Picos formou, impulsionada pela expansão colonial, através da atividade econômica mais desenvolvida no território, a pecuária.

No entanto, percebemos uma certa influência econômica, pois historicamente, a economia da região de Picos foi impulsionada pela pecuária, e os vaqueiros desempenharam um papel vital nesse contexto. Eles não apenas cuidavam do gado, mas também ajudavam no transporte e comercialização, conduzindo os rebanhos por longas distâncias até os mercados. Com o tempo, a modernização trouxe mudanças, mas a figura do vaqueiro continua a ser um símbolo de orgulho e tradição na região.

De acordo com fontes históricas do período de povoamento da zona, em 1754, a imagem dos vaqueiros é notável, por se tratar de uma área predominantemente agrícola, desde a criação das fazendas, cujo ponto de partida é a fazenda do Currálinho. Como explica Sousa (2006). Picos nasceu da união de curral, fazenda e uma capela. Então, na época em que a comunidade foi formada, ela consistia basicamente em uma população de vaqueiros. Ser vaqueiro é a principal atividade ocupacional ali, pois, como

informado, nesta sociedade, a pecuária e a agricultura de subsistência são os principais meios de sobrevivência.

Assim, na comunidade onde tudo começou, os ideais de homens foram revelados em vaqueiros, fazendeiros e comerciantes de gado. Segundo o historiador Odilon Nunes, no Piauí do século XVIII e XIX, existia uma sociedade onde, “mesmo aqueles que não eram vaqueiros, desejavam ser. E todos eram, ou como profissão, ou como divertimento favorito, o esporte a que todos se consagram” (NUNES, 2007). O que também contribuiu para que Picos, até meados do século XX, fosse uma sociedade formada principalmente por fazendeiros e agricultores, com as características de uma comunidade rural.

Esses vaqueiros protegerão seu gado que foram liberados em campos distantes, porque quando a chuva termina, é necessário trazer o gado para a fazenda, pois lá encontra-se água e pastagem, devido ter passado à temporada chuvosa sem animais para consumi-lo. Com isso, nele, pode ser passado o período de seca até o inverno de volta. E assim acontece a cada ano, com o tráfico de gado, no qual os fazendeiros fazem essas labutas, que é pegar e juntar o gado que está à solta no campo para trazer para as roças, o qual é o espaço fechado da fazenda. Este vaqueiro é responsável pela prática nomeada de campear, que é a de juntar o gado. (SALES, 2015)

A imagem do vaqueiro sempre esteve presente no cotidiano dos piauienses, desde sua colonização, e sua história muitas vezes se confunde com a do Piauí, como parte das expressões culturais a ele associadas.

O medo de não ter espaços numa nova ordem, de perder a memória individual e coletiva, de ver seu mundo esvaziar, é que leva à ênfase na tradição, na construção deste Nordeste. Esta tradição procura ser baliza que oriente a atuação dos homens em transformação e impeça o máximo possível a descontinuidade histórica (ALBUQUERQUE, 2006, p.76).

Assim, em Picos não será diferente, pois a imagem de um vaqueiro é sempre proeminente, pois a área é composta principalmente por fazendas. Por isso, vemos que essa cultura está ligada à identidade do povo piauiense, que faz do vaqueiro seu principal. No município de Picos, atividades e representatividade, assim como as festas associadas ao seu cotidiano de trabalho, e essas festas tradicionais, estão associadas ao

legado do antigo sistema de produção e relações de trabalho do País, em determinado período desde a colonização do Piauí.

Dentro desta discussão, é notório que, “As festas no sertão, e mais especificamente, as festas dos vaqueiros, estão ligadas diretamente ao ciclo do gado na região” (CASCUDO, 1976). Algumas dessas festas ocorrem na cidade de Picos, como: missa de vaqueiro, festa de vaqueiro, cavalgada e vaquejada, são partes relacionadas ao seu trabalho e sua vida cotidiana. Eles representam principalmente nesses vaqueiros a vida e sua relação com o gado.

Os estereótipos ligados ao vaqueiro podem ser percebidos de formas variadas, pois, quando alguém fala em vaqueiro, vem logo a imagem de um homem vestido em gibão, perneira, chapéu confeccionado em couro, montado a cavalo, tocando a boiada, entoando um belo som do aboio. Porém, atualmente, essas imagens e costumes, que identificavam o vaqueiro e através das quais criaram e reforçaram um sentimento de uma comunidade, não condizem com as imagens tradicionais.

Essa representação advém da formação da sociedade piauiense, segundo o autor Odilon Nunes (1975, pág. 63). Apresenta o vaqueiro desta maneira:

tranquilamente viviam aqueles solitários vaqueiros, cuja paz só por vezes era perturbada pela passagem temerosa dos indígenas, furtivamente buscavam, através do Piauí, os vales dos rios goianos e maranhenses. Os esquadrões dos paulistas estavam atentos, prontos a desfechar seus golpes mortíferos nessas ondas de nômades guerreiros. Não lhes davam pouso. Iam deixá-los longe das fazendas, onde não pudessem depredar as sementeiras dos currais.

Vale lembrar que desde o início foram as fazendas de gado que determinaram a forma de ocupação das terras piauienses e, portanto, as necessidades do povo de viver na floresta e nas matas e não nas cidades e vilarejos, caracterizam o baixo índice de urbanização e o caráter disseminado e disperso do assentamento piauiense.

Sobre tais características, Euclides da Cunha, em sua obra *Os Sertões*, de 1902, descreve a realidade social do Nordeste brasileiro, no contexto da busca da consciência nacional. Ele descreve o perfil do vaqueiro no final do século XIX, como um homem submetido a provações em seu cotidiano com horas de alegria e crueldade, excesso e miséria.

Atravessou a mocidade numa intercadência de catástrofes. Fez-se homem, quase sem ter sido criança. Salteou-o, logo, intercalando-lhe agruras nas horas festivas da infância, o espantinho das secas no sertão. Cedo encarou a existência pela sua face tormentosa. É um condenado à vida [...] O seu aspecto recorda, vagamente, à primeira vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete, também de couro; calçando as perneiras, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em joelheiras de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas luvas e guarda-pés de pele de veado – é como forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo” (CUNHA, 2006, p. 151).

Em outra expressão característica do mundo sociocultural do vaqueiro, Darcy Ribeiro (1997, p. 341), informa:

Em cada curral viviam as famílias do vaqueiro e dos seus ajudantes, geralmente aprendizes, à espera de um dia receberem também uma ponta do gado para criar e zelar. Periodicamente, passavam os boiadeiros que arrebanhavam o gado para conduzi-lo, sertão afora, até a costa onde seria vendido. Traziam o sal e poucas coisas mais do que necessitavam os vaqueiros, afeitos à vista no ermo, moldados pela atividade pastoril, tirando do gado quase tudo do que careciam.

O vaqueiro é representado nas obras literárias ambientadas na vida rural piauiense, como em *Ataliba - o vaqueiro*, de Francisco Gil Castelo Branco, um escrito importante para análise. Entretanto, deve-se enfatizar que a ficção difere da história e da biografia, pois esses são relatos de eventos reais, que podem ser comprovados por documentos, enquanto os anteriores são um fragmento da imaginação. A imagem é criada como uma forma modificada da realidade.

O romance *Ataliba – O Vaqueiro*, de Francisco Gil Castelo Branco, escrito em 1878 e publicado como forma de “folhetim da seca” pelo “Diário de Notícias” no Rio de Janeiro. Desenha o cenário configurado no extremo da província do Ceará, em terras do Piauí, para as bandas do Maranhão, atual município de Castelo do Piauí, também utilizado como fonte de pesquisa neste estudo. Mostra o vaqueiro com as características do sertanejo já mencionado por José de Alencar em seu romance de 1875, que focaliza os Sertões do Ceará. Trata-se de um homem forte, corajoso, honesto, e sobretudo hábil na convivência com a terra agreste e no desempenho de suas obrigações. Sua aparência

física revela a superioridade que o distingue dos outros personagens. Segundo Francisco Gil Castelo Branco (2004, p. 32):

Ataliba era moço, tinha a figura atlética e a fisionomia cheia de franqueza. O seu traje caprichoso indicava deste logo que ele era vaqueiro e enamorado... Com efeito, as suas perneiras, o seu guarda-peito, o seu gibão e o seu chapéu com trancelim e barbas de fios de cor, eram de finas peles de bezerro lavrados com esmero por hábeis mãos de mestres... O bacamarte também lhe vinha a tiracolo e via-se-lhe à cintura uma longa faca de cabo de prata metida na bainha. A arma de fogo e a lâmina de aço são companheiras inseparáveis do sertanejo; são os seus instrumentos de trabalho, de combate e de vingança! Durante o dia, percorrendo as pastagens, com a pólvora, ele derruba a caça à noite, fere a onça – atocaia o inimigo poderoso. Por fim, são naturezas especiais as dos homens desse ermos longínquos; implacáveis no ódio, extremados no amor, fiéis à gratidão, morrer onde se prendem como as lianas que se adunam às vetustas árvores das suas florestas.

Castelo Branco procura criar uma imagem caricatural do vaqueiro piauiense, onde a coragem e teimosia em não deixar seu ofício de vaqueiro e ir para a cidade. Viver como mais um desocupado, em função do amor pelo sertão, são marcas que constituem e reforçam um estereótipo construído acerca da identidade do vaqueiro.

Desse modo, o que permanece evidente na análise das fontes e autores é que o surgimento e os estereótipos empregados ao vaqueiro, permitem um leque de oportunidades de análises. Seguindo as trilhas da historiografia piauiense sobre o vaqueiro, desenvolvendo o ato de “caçar”, nos transforma em “faminto de história”, tal como se refere Jacques Le Goff a Marc Bloch, um “faminto de homens dentro da história” (BLOCH, 2001, p. 20).

Por conseguinte, seguindo essa perspectiva de interpretação dos fatos, nota-se a existência de uma série de paradigmas, rupturas e continuidades históricas, sociais e culturais. Se propormos a analisar desta forma, permite-nos enquadrar os estudos sobre os espaços internos e externos, onde os atores sócios são os precursores e mantenedores dessa cultura, que, mesmo sendo transformada com o passar dos séculos, continua fiel ao modelo nordestino.

Portanto, com o passar dos anos, a profissão de vaqueiro foi se transformando, e muitos enfrentam desafios como a mecanização da pecuária e as mudanças climáticas que afetam o semiárido. No entanto, o legado dos vaqueiros de Picos permanece vivo,

tanto na memória coletiva quanto nas manifestações culturais da região, como nas festas, músicas e literatura de cordel que celebram essa figura emblemática do sertão nordestino. A história dos vaqueiros na região de Picos é, portanto, uma narrativa de resistência, adaptação e profunda conexão com o ambiente e a cultura local.

Acerca das vaquejadas, estas são eventos tradicionais no Nordeste do Brasil, incluindo a região de Picos, no estado do Piauí. Elas envolvem competições em que vaqueiros, montados em cavalos, tentam derrubar um boi em uma pista de areia. A prática é um elemento cultural importante, celebrando o modo de vida sertanejo e reunindo comunidades para eventos que combinam esporte, música e festividades.

Na região de Picos, as vaquejadas costumam ser realizadas em parques de vaquejada, que são locais específicos preparados para essas competições. Esses eventos atraem competidores e espectadores de várias partes, e são frequentemente acompanhados por festas com música ao vivo, comidas típicas e outras atividades culturais.

Ou seja, o vaqueiro é uma figura emblemática do sertão nordestino brasileiro, representando muito mais do que apenas um trabalhador rural. Ele é um símbolo cultural, carregado de tradições, valores e uma identidade única que se desenvolveu ao longo dos séculos. Desse modo, o vaqueiro é uma figura emblemática do sertão nordestino brasileiro, representando muito mais do que apenas um trabalhador rural. Ele é um símbolo cultural, carregado de tradições, valores e uma identidade única que se desenvolveu ao longo dos séculos. A vestimenta do vaqueiro é uma expressão de sua identidade e funcionalidade. Ele veste um gibão de couro, perneiras, chapéu e luvas, tudo feito de couro resistente. Essa indumentária é essencial para protegê-lo dos espinhos e galhos secos do sertão, além de simbolizar sua ligação com o ambiente onde vive e trabalha.

A identidade do vaqueiro é moldada pela relação íntima com a terra e o gado. O vaqueiro é visto como um guardião do sertão, uma figura que entende e respeita os

ciclos da natureza. Sua música, a “toada”, e o aboio, um canto melódico utilizado para guiar o gado, são expressões culturais que revelam o profundo vínculo do vaqueiro com seu meio e sua comunidade. Assim, na sociedade e no imaginário popular, o vaqueiro é também uma figura de coragem e resistência. Ele é visto como um herói sertanejo, que enfrenta as adversidades do clima árido e a dureza da vida no campo com dignidade e força. O vaqueiro não é apenas um trabalhador, mas um símbolo de resiliência e adaptabilidade.

2.2. Desmitificando a imagem do vaqueiro como um sujeito rude, ignorante e atrasado.

Já neste tópico, pretendo desconstruir aquela visão errônea que a sociedade tem do sertanejo, visão esta que se popularizou com a obra “Os Sertões”, de Euclides da Cunha. Portanto, tenho como objetivo desmontar essa imagem estereotipada do vaqueiro nordestino, mais especificamente do vaqueiro da cidade de Picos. Dessa forma, junto às motivações pessoais, que foram formadas pela vivência cotidiana com meu avô, um vaqueiro, se entrelaçam com a pesquisa do historiador, motivada pela importância de perceber a formação social e identitária dessa figura imponente que faz parte da história do nordeste brasileiro.

Como podemos observar, Antônio Henrique Neto vai remeter as origens rudes do seu homem do Sertão aos “sertanistas”, aqueles homens que adentraram um Sertão bravo, cheio de feras e índios, enfrentando-os e dominando a natureza, promovendo o povoamento desta região desde os tempos coloniais. É sabido da significativa produção historiográfica acerca do sertanista, mais comumente chamado bandeirante – indo da construção do herói branco e europeu ao rude e mestiço homem que adentra aos sertões. Se, por um lado, os bandeirantes são percebidos enquanto os desbravadores, por outro, são tidos como homens que se apropriam dos conhecimentos indígenas sobre a

natureza, ou seja, um sertanista aprendiz e mestiço, que vai ter com os nativos e enfrentar e viver nos sertões.

Se os sertanistas se apropriam e fazem uso dos conhecimentos indígenas, ao desbravar as matas do Sertão, aqueles sujeitos são quase sempre representados como homens rudes e cruéis, que se empenham em dominar a natureza, especialmente para aprisionar indígenas e procurar ouro, como nos informa grande parte da historiografia sobre o tema. No Nordeste brasileiro, destacam-se dois momentos da história dos sertanistas. Num primeiro momento, estes sertanistas iriam guerrear com os indígenas e também com os negros fugidos, o que caracterizaria um sertanismo de contrato. Em segundo, tem-se a fixação destes homens no Sertão nordestino, convertidos em pecuaristas e boiadeiros.

Estes sujeitos eram mesmo representados como rudes e cruéis, os sertanistas eram e são ainda tidos como homens corajosos e desbravadores. Remetemo-nos àquilo que nos diz José Carlos Reis acerca daquilo que chama de “reelogio” da colonização portuguesa no Brasil, empreendida por Gilberto Freire. Para Reis, a obra freiriana é um “reelogio da colonização portuguesa” no Brasil porque é o resultado do trabalho de um intelectual de direita e que se propõe a contar a saga da Oligarquia Rural brasileira. Nestes termos, o elogio henriqueano, assim como o freireano, fala de um povo que veio para o Brasil, dominou a sua natureza e se estabeleceu por estas terras. Tendo enfrentado os percalços de uma natureza hostil, o sertanista de Antônio Henriques Neto está, desde o início, acostumado a enfrentar e vencer ou dominar esta natureza.

Quando falamos do sertanejo forte, nos remetemos ao tipo ideal brasileiro, idealizado pelo jornalista-engenheiro Euclides da Cunha, que é mandado pela Primeira República para cobrir a Guerra de Canudos. O contato deste com o Sertão e com o Sertanejo deu ao Brasil um novo brasileiro, posto como o modelo ideal a ser perseguido. Tendo sido o resultado da mistura entre o branco e o indígena, o sertanejo euclidiano mostrava seu valor a partir da relação que tinha com a natureza. O homem sertanejo euclidiano é um produto do meio natural no qual está inserido.

Ser vaqueiro sempre foi fator que estimulou a autoestima dos moradores do sertão. Isso decorre de uma imagem do sertanejo construída através dos discursos historiográficos e literários que classificam o sertanejo como homem valente e honrado, haja vista que no espaço onde a economia naturista prevaleceu custava pouco para ajuntar valentões e homens de espírito destemidos que desafiavam as autoridades e as leis, instigando um sentimento de orgulho inspirado pela riqueza, e pelo afastamento de autoridades eficazes, e sobretudo, pela impunidade.

Apesar das tentativas do poder da metrópole em conter o sentimento de impunidade reinante na colônia, originado pela distância desta em relação àquela, no sertão, a fama de valentão é inerente a quase toda a população, homens acostumados a tratar a vida humana muitas vezes, como algo insignificante, que pode ser eliminada por qualquer incidente que coloque a honra dos *cabras* em questão. O que nos faz lembrar da história dos cangaceiros no nordeste no início do século XX, cuja reputação percorreu toda a sociedade, como homens extremamente sanguinários, que não hesitavam em torturar, estuprar e executar. Lampião, um dos mais temidos, após ver seus pais assassinados a mando de um coronel proprietário de terras, formou um bando de cangaceiros e passou a aterrorizar a população, agindo como justiceiro, atacando armazéns e fazendas e distribuindo comida para os mais pobres. Apresentado na literatura de Cordel, que até mesmo Lúcifer, senhor das trevas, não o tolerou, sucumbindo à sua valentia. Neste sentido, Capistrano de Abreu (1998 p. 136), relata:

A carta régia de 20 de janeiro de 1699, primeiro esforço para introduzir alguma ordem naquela massa amorfa, mandou criar na freguesia do sertão juizes à semelhança dos de vintena, que saiam dos mais poderosos da terra, e em cada freguesia um Capitão-Mor e Cabos de milícia obrigados a socorrer e ajudar os juizes. A resistência contra estes se equiparava à resistência contra os juizes de fora, e ficariam seqüestrados os bens do réu até sentença final; as penas pecuniárias deveriam ser preferidas por não se poder facilmente executar os corporais. Ouvidores, corregedores eram obrigados a uma visita trienal. Se tais ordens fossem cumpridas e nos arquivos de além – mar existem relatórios das correções, nenhum documento poderá nos ajudar tanto no estudo e no conhecimento da vida sertaneja. Os Capitães-Mores deixavam fama de violentos, arbitrários e cruéis; não eram, porém, incontrastáveis e maior ou menor sempre encontram oposição. Reinava respeito natural à propriedade; ladrão era e ainda é

hoje o mais afrontoso dos epítetos; a vida humana não inspirava o mesmo acatamento. Questões de terra, melindres de família, uma descortesia mesmo involuntária.

3. Da pecuária à vaquejada: o ofício do vaqueiro e seus percursos e adaptações ao meio social.

A delimitação do tempo, histórico e espaço se deu devido à percepção de que somente na década de 1980 que a vaquejada, ou seja, o ofício do vaqueiro, veio se transformando e hoje é tida e praticada por muitos, como esporte e espetáculo. Assim, pretendo analisar essas nuances e mudanças e problematizar como o ofício do vaqueiro foi mudando e perdendo espaço na sociedade com o advento das tecnologias.

O ofício do vaqueiro, enraizado na pecuária nordestina, evoluiu com o tempo, adaptando-se a novas realidades sociais e econômicas. A vaquejada, antes uma prática utilitária na lida com o gado, transformou-se em um evento cultural e esportivo, mantendo viva a tradição do vaqueiro e gerando impacto social e econômico. Pelo qual o vaqueiro, desde os tempos coloniais, desempenhou um papel crucial na pecuária, responsável pelo manejo, cuidado e condução do gado. Em fazendas, ele se dedicava à separação, marcação e transporte do gado, além de garantir seu bem-estar e alimentação. A prática para lidar com o gado, como apartação, pegas de boi e corridas de mourão, se tornou um evento para testar habilidades e fortalecer laços entre vaqueiros. Porém, conhecida atualmente, é um esporte em que dois vaqueiros a cavalo tentam derrubar um boi pela cauda em uma área demarcada.

Originária do Nordeste, se difundiu e ganhou reconhecimento como patrimônio cultural imaterial de algumas localidades, movimentando a economia local, gera renda para muitas famílias e fortalece a identidade cultural da região.

No entanto, passou por transformações, como a criação de categorias e a busca por regulamentação, visando garantir o bem-estar animal e a segurança dos participantes, tendo sua importância cultural, pela qual a vaquejada enfrenta desafios, como debates sobre sua legalidade e impacto ambiental. Porém surgem discussões sobre

a legalização da vaquejada, evidencia a importância de equilibrar tradição, cultura e bem-estar animal. Como elementos intrinsecamente ligados à história e cultura do Nordeste, refletindo a evolução da pecuária e a adaptação da tradição a novos contextos sociais e econômicos.

Ofício do vaqueiro, como uma das mais antigas ocupações em solo pátrio, data desde 1550. A este ofício está plasmado o modo de falar, técnicas de medicina, manejo com o gado, culinária, estética, o traje do vaqueiro, seus cantares, mitos, e arquitetura específica, equipamentos, etc. A civilização do couro deu origem a um falar específico e a uma tradição oral, reunindo saberes e fazeres e toda a gama de bens agregados, que se transformou num patrimônio importante para a identidade do povo sertanejo, cujo protagonista é o vaqueiro. Nordeste do Brasil e Região de Minas Gerais, Registro nº 01 Decreto Estadual nº 13.150/2011.

A marcha das boiadas pelos sertões foi iniciada em 1550, empreendida pelos d'Ávila com os primeiros vaqueiros. Sendo o fenômeno social mais significativo no sentido da ocupação, assentamento e fixação do homem nos sertões da Colônia, na Bahia, do Nordeste e do Brasil. Fenômeno fundado em dois momentos: o primeiro, com a criação e estabelecimento dos primeiros currais, que tem início no século XVI e vai até meados do século XVIII; e o segundo, quando o senhor feudal começa a erguer em pleno sertão as chamadas casas-de-fazenda, que predominam desde a segunda metade do século XVIII. O ofício de vaqueiros surgiu a partir da introdução dos animais domésticos - bovinos, caprinos, ovinos e suínos-, no qual se serviam para a alimentação e uso no trabalho, assim como da pecuária.



Fonte: <http://www.faculdadersa.com.br/vemverosemiarido/tradicional-vaquejada-uma-festa-popular-que-acontece-na-cidade-de-picos/>

No que tange à disponibilidade de mão-de-obra para a atividade de criação do gado, esta parece não ter encontrado muitos problemas, tendo em vista apresentar para o colono sem recursos, muito mais atrativos que a economia açucareira, pois aquele que não possuísse recursos para dar início à sua própria criação poderia reunir algumas reses, que recebia ao longo do ano como pagamento pelo desempenho de seu ofício. Porém, o homem que trabalhava na fazenda de criação de gado recebia uma cria em quatro nascidas, podendo assim iniciar a criação por conta própria, possibilitando, por conseguinte, ascender socialmente, o que marcava o caráter de mobilidade social da sociedade sertaneja.

Todavia, havia uma preocupação da coroa portuguesa em conter as ações dos moradores da região, na qual penalidades foram criadas com o propósito de punir os arruaceiros onde as penas variavam entre castigos corporais e cobranças em dinheiro pelos delitos cometidos. Estas, por sua vez, eram mais utilizadas em decorrência da distância entre a metrópole e a colônia, o que dificultava a presença dos corregedores na região. No entanto, após visita realizada a cada trimestre, redigiam relatórios, que se tornaram importantes fontes de pesquisa sobre o modo de vida, atitudes e comportamentos do povo sertanejo.

Vale lembrar que desde o início foram as fazendas de gado que definiram a forma de ocupação do solo piauiense, e, por conseguinte, a necessidade da população de viver nas brenhas e sertões e não nas vilas e povoações, caracterizando o baixo índice de urbanização e o caráter extensivo e disperso no processo de povoamento do Piauí.

O acúmulo de terras nas mãos de poderosos, entre estes, Domingos Afonso Sertão e Francisco Dias D'Ávila, possibilitou o desenvolvimento da pecuária extensiva, tendo em vista que em períodos de seca tornava-se necessário movimentar as boiadas em grandes espaços, alternando pastos para que elas conseguissem achar capim seco e frutas, daí os grandes proprietários das grandes fazendas não quererem ceder porção alguma de suas terras para moradia dos agregados, por considerarem indispensáveis as grandes extensões para atender à criação de seu gado. (MOTT, 1985, p. 51).

A pecuária tornou-se atividade preponderante de subsistência. Os primeiros estabelecimentos da economia pastoril demandavam poucos gastos. Construída uma pequena casa, coberta de palha e um curral para o gado, na área de três léguas de terras estava estabelecida uma fazenda, não atendia as necessidades do mercado externo, porém não se nega que a criação de gado vacum tenha sido objeto de comercialização.

Criava-se para fornecer para mercados da Bahia e para sustentar os povos das Minas do sul, entretanto não podemos afirmar que somente o Piauí tenha sido responsável por toda a produção. De acordo R. N. Monteiro de Santana (1964, p. 27).

O maior mercado do Piauí foi durante todo o período de formação da economia de subsistência da Bahia. Antes mesmo da abertura do caminho do Rio Grande (1727-1734) há de aceitar-se, com limitações, a afirmação do Conde de Assumar: de que costumavam sair do Piauí e Parnaguá em distância de quatrocentos léguas do governo das Minas Gerais, todos os gados que serviam para sua subsistência.

Neste período de formação da economia de subsistência, a pecuária assegurava a sobrevivência dos moradores das fazendas. Santana (1964, p. 29) afirma:

que o comércio no norte do Piauí teve seu início no século XVI, com pérolas, âmbar, pau violeta, ouro, prata, e, por fim, gado, cuias, redes e sal. Eram trocadas por vaca com intenção de as levarem para as terras do Maranhão”, isto representava apenas uma forma particular de crescimento da expansão da economia dominante.

A prática da pecuária extensiva no Brasil Colônia, liberada pela Coroa portuguesa, em 1701, permitiu, além da interiorização das boiadas (porque o

criatório de gado vacum somente poderia se dar a partir de um raio de oitenta quilômetros do litoral, uma vez que se verificava a incompatibilidade da convivência do gado bovino com a monocultura canavieira) o surgimento de um novo ator social: o vaqueiro. Diante do absentismo patronal, a figura do vaqueiro se revelava importante, como era partidarias as ordens dos trabalhadores para as fábricas, trabalhadores de importância inferior na hierarquia que se construiu na pecuária nordestina sertaneja, em uma fração de uma camada social, podendo dizer, no xomprimento de sua atividades de um aspirante a ser vaqueiro.

Outro fator que perpassava era a sua aspiração a ser fazendeiro. Ou seja, o desejo de ascensão social que, aparecia no seu imaginário como possível. A possibilidade de mobilidade social vertical ascendente se daria em decorrência da forma de pagamento recebido, a quartação (a cada quatro animais nascidos, uma era do vaqueiro), o vaqueiro poderia, em determinado tempo, ser possuidor de seu próprio rebanho sobre a possibilidade de ocupar terras devolutas somada à realidade de obtenção de seu próprio rebanho, tornava o sonho do vaqueiro em se tornar fazendeiro algo plausível. No demais, caso contasse com a “sorte” (nascimento de maior número de fêmeas), o rebanho a se constituir seria ainda mais promissor, uma vez que sua multiplicação se daria em espaço de tempo menor.

3.1. – O vaqueiro e a pecuária: a importância do vaqueiro no desenvolvimento da região de Picos-Pi.

Neste tópico, pretendo analisar a importância do vaqueiro para o desenvolvimento da região de Picos por meio das atividades no campo (pecuária e atividades agrícolas). A pecuária em Picos- PI, é uma atividade relevante para a economia local, com destaque para a criação de gado e a comercialização de produtos agropecuários. Empresas como a Ducampo Agropecuária & Pet Shop e Picos

Agropecuária atuam nesse setor, oferecendo produtos e serviços para a pecuária e também para animais de estimação.

A região de Picos possui um histórico de criação de gado, com destaque para a criação extensiva em pastagens. Comércio de produtos agropecuários. No qual o setor agropecuário é de suma importância para o abastecimento de alimentos e produtos de origem animal na cidade e região, atividade que impulsiona o desenvolvimento de outras áreas, como o comércio de rações e equipamentos agrícolas contribuindo para a geração de emprego e renda na região.

Contudo, mesmo diante dessa singularidade histórica do vaqueiro, a ausência de investigação e pesquisa ocultou, por muito tempo, a visibilidade desses sujeitos na historiografia. Nesse sentido, os vaqueiros da região sertaneja em questão, tanto operaram no sistema pecuarista, como também se apresentaram enquanto agentes culturais repletos de peculiaridades.

No entanto, o comportamento do povoamento dos antigos sertões do Brasil Colonial foram motivados, dentre outras razões, pela expansão açucareira, a qual foi responsável pela implantação e desenvolvimento da pecuária que, por seu turno, teve papel importante no fornecimento de alimentos, força motriz e meio de transporte para sobrevivência dos engenhos.

Todavia, a economia criatória e a economia açucareira tornaram-se inconciliáveis por possuírem características e dinâmicas distintas. A criação do gado teve de se deslocar das proximidades do litoral onde se localizaram os engenhos e abrir caminhos para o interior dos sertões, visto que esta atividade era contrária aos interesses dos senhores de engenho e, conseqüentemente, da metrópole, que por uma carta régia proibiu a criação do gado a dez léguas da costa. Segundo Capistrano de Abreu (1986 p. 130),

O gado vacum dispensava a proximidade da praia, pois as vítimas dos bandeirantes a si próprio, transportava das maiores distâncias e ainda com mais comodidade; dava-se bem nas regiões impróprias ao cultivo da cana, quer pela ingratidão do solo, quer pela pobreza das matas sem as quais as fornalhas não podiam laborar. Pedia pessoal diminuto, sem traquejamento especial, considerando de alta valia

num país de população rala. Quase abolia capitais, capital fixo e circulante a um tempo, multiplicando-se sem interstício. Fornecia alimentação constante, superior aos mariscos, aos peixes e outros bichos de terra e água, usados na marinha. De tudo pagava-se apenas em sal; forneciam suficiente sal os números barreiros dos sertões.

A disponibilidade de terras no interior favoreceu à pecuária, que necessitava de grandes extensões para a criação do gado. Devemos enfatizar que a aquisição destas terras eram feitas sem muito esforço, bastava um pedido informal por parte dos aventureiros para que a concessão das sesmarias fossem feitas através das ordenações régias, as quais estabeleciam que as mesmas deveriam ser doadas, segundo critérios que correspondessem à capacidade de produção. Contudo, o que ocorria era a concessão de terras superiores à sua capacidade de exploração. Vale salientar que a política agrária da coroa portuguesa em relação ao Brasil, outorgando à Casa da Torre Sesmarias sem critérios definidos, obrigou as autoridades maranhenses a apresentarem algumas denúncias à corte.

A razão da existência de fazendas de gado em áreas tão extensas, segundo Luiz Mott (1986, p. 104) “deve-se não somente à cobiça dos fazendeiros, desejosos de possuírem grandes glebas, mas também à necessidade inerente à dinâmica da pecuária extensiva que requer áreas de bom tamanho, dado o baixo nível técnico da exploração e a rarefação das pastagens nos períodos de estiagem”.

A pecuária, apesar de ter-se constituído no período colonial numa atividade secundária dependente da agricultura de exportação, sobretudo da cana-de-açúcar e da mineração, ganhava cada vez mais espaço no cenário sócio-econômico do Brasil colonial. Conforme Sérgio Buarque de Holanda (1960 p. 128), “A pecuária constituiu, além da mineração, é óbvio a única atividade econômica rendosa para os sertões, pois o gado a si próprio se transportava”.

Foi, portanto a atividade pastoril que despertou no homem colonial a dimensão do valor econômico daquelas terras do interior sertanejo, que não possuíam riquezas minerais nem áreas propícias à lavoura.

No contexto da economia pecuarista, é importante mencionar o uso em profusão do couro do boi, tanto para suprir as necessidades mais elementares da vida cotidiana da

população, quanto em certas situações como fonte de renda monetária no comércio local. Celso Furtado (1963 p. 79) argumenta que:

O couro substitui quase todas as matérias-primas evidenciando o enorme encarecimento relativo de tudo que não fosse produzido localmente. Esse atrofamento da economia monetária se acentua na medida em que aumentam as distâncias do litoral, pois dado o custo do transporte do gado, em condições de estancamento do mercado de animais, os criadores mais distantes se tornavam submarginais. Os couros passaram a ser a única fonte de renda monetária destes últimos criadores.

Capistrano de Abreu (1998, p.133) em *Capítulos de História Colonial*, escreve a respeito de uma época em que tudo era feito de couro:

de couro era porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos, de couro todas as cordas, borrachas para carregar água, o mocó ou alfoje para levar comida, a mala para guardar roupa, mochila para milhar cavalo, a peça para prendê-los, em viagem, as bainhas de faca, as bruacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os bangüês para curtume ou para apurar sal para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calçavam a terra com seu peso em couro pisava-se tabaco para o nariz.

O couro era exportado para Portugal e muito procurado na própria colônia. A roupa do vaqueiro estilizada em couro foi no início da expansão da pecuária traço importante na construção de uma identificação visual destes sujeitos sociais. O autor de *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas Antonil* (1718 p. 87) afirma que:

Em princípios do século XVIII, o couro em cabelo correspondia a metade do valor do animal [...] Para que se faça justo conceito das boiadas que se retiram cada ano dos currais do Brasil, basta advertir que todos os rolos de tabaco que se embalavam para qualquer parte, vão encourados [...] além disso, vão cada ano da Bahia para o reino até cinqüenta mil meios de sola; de Pernambuco quarenta mil e do Rio de Janeiro (não sei se computando os que vinham da nova colônia, ou se os do mesmo rio, e outras capitânicas do sul) até vinte mil que ser por todos, cento e dez mil meios de sola.

Procurando demonstrar a opulência do Brasil em proveito do Reino de Portugal, Antonil revela neste trecho inserido na quarta parte da sua obra que a abundância do gado e couro, dentre outros produtos, implementaram a economia da Coroa Portuguesa.

Quanto às áreas de expansão pastoril no Brasil Colonial, BUARQUE (1960 p. 219) chama a atenção para a existência de duas áreas pastoris, ambas vinculadas à zona

de mineração: a das caatingas do Nordeste e a do Sul do país. As características entre elas eram distintas.

Enquanto do Sul se desenvolveram com certo grau de intranquilidade, em consequência dos problemas gerados pela Colônia de Sacramento e pelas missões jesuítas, que exigiam que o homem-criador possuísse outras atribuições, como a de soldado para proteger seus rebanhos, no sertão nordestino, a economia criatória desenvolveu-se “pacificamente”, em relação à anterior. Entretanto, as condições da caatinga, caracterizada por uma vegetação arbustiva e pela inexistência de ervas forrageiras e gramíneas, dificultaram a criação do gado. Junte-se a isto a irregularidade das precipitações das chuvas.

Dessa forma, o gado, ao chegar nesta região, precisava de algum tempo para se adequar, o que resultou na formação de animais de pequeno porte, pouco exigente, porém resistente.

O apoio aos organizadores falou sobre a importância do resgate da cultura em toda a nossa região na mata, é isso que me lembra minha infância que eu pensava já ter até acabado, o quanto são diferentes.

Que estão presentes e a população aqui os filhos de muitos nem sabia que existia mais essa cultura tão importante para o nordeste a ocupação do nordeste que vem do litoral para o sertão e aí essa revitalização, esse retorno, porque sai da nossa infância os tempos dos, deputado federal, várias faltas uma é da incentivo a cultura é através do turismo da cultura que você pode transformar uma cidade primeiro gerando emprego e renda e trazendo pessoas de fora para trazer riqueza para o nosso município.

Reativar cultura e trazendo o turismo para nossa região o gado do curral, aquecendo os seus cavalos ou enobrece, e tudo pronto para o início da competição a comissão organizadora, faz a colocação dos colares no pescoço dos animais e libera o cronômetro a sorte é de quem consegue tirar o colar em menos tempo possível nada é fácil pegar um boi na mata fechada e o risco é grande tanto para os vaqueiros ou para o público presente.

Da próxima etapa que tiver competição, e torcer para que o boi viesse em sua direção, como a mata é fechada e verde, ficava difícil ver o momento da pega do boi,

mas mesmo assim todos saíram satisfeitos com a brincadeira para ver como fica depois de uma disputa acirrada.

3.2. – O vaqueiro ainda tem espaço nessa sociedade moderna? As vaquejadas como forma de resistência cultural do vaqueiro.

Nessa prática, os vaqueiros são considerados especialistas em participar desses eventos, sendo vaquejadas, atividades esportivas, competições e espetáculos. Estes eventos estão marcados no calendário com a data e hora, e relaciona-se com os principais patrocinadores que apoiam o evento. O espírito competitivo do ambiente de festa atrai multidões e faz-se paixão pelos participantes da vaquejada moderna. Desse modo, defendo que a vaquejada é uma atividade cultural que faz com que a tradição dos vaqueiros permaneça viva na história.

A transformação do vaqueiro em trabalhador assalariado veio acompanhada de outra ação a ressignificação dada à festa da vaquejada, ação festiva chamada vaquejada consistia na demonstração de habilidade e coragem do vaqueiro que, sozinho, em dupla ou em grupo, empreendia ações de captura a animais na caatinga. Como proteção, o terno de couro, composto por gibão, perneiras, peitoral, chapéu e botas / sandálias. Como montaria, o cavalo.

Essa prática, presentemente, quase não se vê mais, chama-se “pega de boi no mato”. Trata-se de evento previamente planejado, geralmente por uma família, onde são separados alguns animais, numerados e, após soltos, passado algum tempo, liberados são os vaqueiros, previamente inscritos, para empreender a pega desses animais. A premiação varia, no qual vai desde troféus e medalhas, passando por premiação em dinheiro e, por último, o próprio animal capturado.

A atividade foi privatizada e mercantilizada. Embora em muito se assemelhe à originalidade da ação, a promoção dessa festa atende ao desejo de obtenção de lucro de quem a promove, uma vez que, a premiação prometida é muito inferior ao dinheiro arrecadado com inscrições dos vaqueiros participantes e venda de bebidas e alimentos.

A essa intencionalidade de “resgate” da vaquejada em seus primórdios, há também, na contemporaneidade, outra festa nomenclaturada vaquejada ou, como costumam chamar alguns, Corrida de Mourão, onde se percebe, claramente, além da ressignificação da festividade, a ressignificação do ser vaqueiro.

Festejo elitizado, ou seja, apenas para a elite, pois participar dele demandava significativa posse de capital (inscrição; transporte de animais; animais de alto custo; veículos caríssimos e etc.), a vaquejada se revela como espaço de um novo tipo de vaqueiro que, em relação ao anterior, à exceção da habilidade e da coragem, em nada se assemelha.

Trata-se de festejo midiático, verificado em circuitos. Em lugar da caatinga, uma pista de cento e sessenta metros de extensão, onde há uma faixa de quinze metros de largura. Ali, o vaqueiro, que tem ao seu lado um parceiro (o batedor de esteira), deverá derrubar o boi que, desde o mourão (local de onde partem boi e cavalos), é posto entre as duas montarias. A pontuação será marcada com o boi em pé, depois da queda, na faixa.

No qual o vaqueiro quase sempre é jovem, de uma aparência musculosa (pela pratica de musculação e não porque resulta das lides diárias no campo) e possuidor de formação universitária. Todavia sua vestimenta, quase sempre, é camisa polo e calça jeans, botas de cano curto e cinto, geralmente pertencentes a alguma marca famosa. Sobre a cabeça, quase não se vê o chapéu de couro, mas um boné, também de alguma marca, onde o ostentar para eles é uma palavra de ordem!



Fonte: <http://www.faculdadersa.com.br/vemverosemiarido/tradicional-vaquejada-uma-festa-popular-que-acontece-na-cidade-de-picos/>

Nos Parques ou Arenas de Vaquejada, o público é pontilhado de mulheres maquiadas, vestidas da chamada “moda vaqueira”, um estilo aproximado do country, visto nos rodeios norte-americanos. Participantes que sabem ali encontrar uma maneira de aparecer, uma vez que, midiaticamente falando, a vaquejada é extremamente divulgada.

Uma análise da ressignificação dada à vaquejada e ao ser vaqueiro talvez possa se encaixar naquilo que Eric Hobsbawm e Terence Ranger chamaram de uma nova tradição inventada, que se verifica quando se percebe que a tradição em evidência não mais satisfaz aos interesses dos que a vivenciam.

Todavia, a constatação da grandeza que acompanha o espetáculo da vaquejada atual, talvez remeta à conclusão de que não se trata de uma construção substituta da vaquejada de antes. Embora porte consigo o mesmo nome, a atual festa de vaquejada

pode ser considerada um nicho econômico significativo que atende à satisfação, dentre outras coisas, da indústria (roupas, calçados, cintos, botas, chapéus), que nesse festejar, encontra mercado consumidor recorrente.

No entanto, a promoção de vaquejadas, ações restritas a um grupo seletivo de pessoas, também é possível de ser interpretada como algo planejado para ser consumido e, para isso, mediatizado ao extremo, como afirma a teoria da indústria cultural, preconizada pelos frankfurtianos, Max Horkheimer e Theodor Adorno. Essa terminologia aponta para a intencionalidade dos teóricos frankfurtianos citados em estabelecer diferenciação entre os termos cultura de massas e cultura popular ou produzida espontaneamente pelas massas. Uma cultura sob a égide do capital, industrialmente produzida para o consumo em massa.

Para o poder judiciário, em sua clara relação de classe, tem também outras causas que se relacionam com a importância econômica e o lucro. Onde a tão significativa é a importância econômica da atual vaquejada que se encontra suspenso, no Supremo Tribunal Federal (STF), o julgamento sobre a constitucionalidade de uma lei que regulamentou a vaquejada no Estado do Ceará. No entanto, está polêmica dividiu a Corte, cujo o embate atual estava empatado em quatro votos a quatro, contudo um pedido de vista do ministro Dias Toffoli adiou a análise do caso, que desde o ano de 2015 está em julgamento.

Porém, esta a ação, na qual busca estabelecer a proibição, foi proposta pelo procurador-geral da República, Rodrigo Janot, que sustenta em seu texto que a vaquejada, inicialmente ligada à produção agrícola, passou a ser explorada no Ceará como esporte e que laudos técnicos comprovariam danos aos animais. Na qual, a considerar a norma cearense inconstitucional, o STF criará uma jurisprudência que poderá proibir a prática em todo o País.

Com a presença dos votos, juízes contrários à proibição da festa usam um argumento duplo; o primeiro, que a vaquejada é uma manifestação cultural e, por isso, tem proteção expressa pela Constituição; o segundo, que a confirmação dos fatos

existentes que se comprovou com a verdade o que aqui afirmamos (ter a vaquejada se transformado em um nicho econômico), é a importância econômica da festa que, nas palavras do juiz, Gilmar Mendes, “Temos uma lei que considera os vaqueiros profissionais. Estamos falando de 200 mil empregos”. Discurso chantagista, em nome dos trabalhadores, para garantir o lucro dos capitalistas.

No entanto, o ministro Dias Toffoli não tem prazo para devolver o caso ao plenário. Ademais, além dele, ainda faltam votar a ministra Carmen Lúcia e o ministro Ricardo Lewandowski, presidente do STF, apresenta morosidade, no qual também sendo do entendimento de alguns juízes que, mesmo que se defina a proibição, a decisão pode ser inútil, já que a prática se trata de uma tradição no País, mesmo hoje completamente mercantilizada, como foi apresentado.

Contudo, controvérsias à parte, percebe-se claramente que não há, por parte do STF, mesmo sendo os argumentos do Procurador da República plausíveis (maus tratos diversos aplicados aos animais, como choque elétricos, açoites e introdução, via anal, de mostarda e pimenta, para mantê-los irrequietos, além de lesões, algumas irreparáveis, que levam ao sacrifício do animal), visível intencionalidade de proibir a continuidade da vaquejada. Tratando de mexer nos interesses de muita gente. Gente que lucrando demasiadamente.

Infelizmente, independentemente do discurso do Procurador, em defesa dos animais, a cúpula deste judiciário faz parte também de uma casta, que vive com os mesmos privilégios dos políticos e que tem interesses também ligados ao governo, à oposição e ao capital.

Todavia, a proposta desta discussão é dar visibilidade a um trabalhador que, no transcurso da história, diante da transição de formas pré-capitalistas para a capitalista de produção, foi quase que silenciado no discurso historiográfico. Ou seja, regido pela hegemonia de relações assalariadas, sub existem valores culturais que potencialmente poderiam, em outro campo de forças, contrapor-se à lógica do capital.

Ao mencionar sobre a vaquejada moderna, não podemos esquecer sua origem, as vaquejadas de morão. Vaquejadas estas que segundo AIRES(2008), são a evolução das primeiras vaquejadas de morão, que se diferencia pelo fato de ser executada pela derrubada do boi entre duas faixas, embora essa puxada pudesse ser de arrasto, ou seja, o vaqueiro começava a puxar o boi fora das faixas e o soltava no seu interior. Essa derrubada era realizada entre faixas que contêm 6 metros de largura. Esse tipo de vaquejada trazia alguns elementos da pega de boi, como a puxada do boi pelo rabo em qualquer lugar, as vestes de couro e a presença do vaqueiro de fazenda nas vaquejadas.

A pontuação desse tipo de competição é contabilizada de acordo com quem fizer isso mais próximo possível da entrada do boi na pista de corrida. Por outro lado, o boi podia correr para frente e para trás. O que era válido era que o vaqueiro “puxasse o animal” para o chão.(AIRES, 2008, p.81-82).

Com o tempo, a vaquejada continuou sofrendo mudanças, e foram essas mudanças que nos propiciou vê-la como uma festa. Nesse sentido, a sua reestruturação se tornou um negócio, principalmente, a partir da década de 1990, pela sua popularização abordada por MAIA(2003), quando a autora diz que a vaquejada perde o seu caráter de festa de vaqueiro e vai se tornando cada vez mais um evento de exibição nas cidades. As mudanças ocorridas nesses eventos, para autora, foram ganhando auto-falante para chamar os que estavam disputando, propaganda, anúncios, delimitações de percurso, regras, prêmios, cavalos de raça (...), um público cidadão curioso; começaram a cobrar taxas de inscrição progressivamente mais caras.(MAIA, 2003, p. 169).

O fato de a vaquejada ser vista como uma atividade esportiva e o vaqueiro como um desportista. Essas denominações foram consolidadas em termos oficiais através da Lei Federal sancionada nº 10.220, de 11 de abril de 2001, que considera atleta profissional o peão de rodeio [...]. Entendem-se como provas de rodeios as montarias em bovinos e equinos, as vaquejadas e provas de laço, promovidas por entidades

públicas ou privadas, além de outras atividades profissionais da modalidade organizadas pelos atletas e entidades dessa prática esportiva.

A oficialização da vaquejada como um esporte tornou o evento ainda mais profissional, provocando modificações nas regras da competição. Essas modificações podem ser vistas através dos locais onde ocorrem as disputas, antes eram nos pátios das fazendas, hoje são em grandes parques construídos exclusivamente para esse tipo de atividade. Percebemos então que as diferenças nas relações de trabalho entre o vaqueiro e seus patrões, se antes eram o vaqueiro e o fazendeiro, hoje ocorre entre o vaqueiro e um grande empresário. Outra mudança está na forma dos pagamentos, que antes eram “um quarto da produção a cada cinco anos”, hoje o prêmio das vaquejadas são divididos entre o vaqueiro e seu patrão, prêmios estes, como lembra MAIA (2003), que antes eram simbólicos e que hoje são verdadeiras fortunas. As vaquejadas, que antes ocorriam geralmente no mês de junho, hoje possuem um calendário de todos os eventos.

Tal calendário, segundo MAIA (2003), é dividido em circuitos, ou seja, um conjunto de cinco a seis vaquejadas que acontecem em parques de localizações próximas, geralmente, duas em uma mesma cidade e as demais nas cidades vizinhas. Os parques de vaquejada são construídos segundo uma padronização oficial para a pista onde se dá a corrida. As disputas da vaquejada contemporânea são sempre feitas por duplas o puxador e o esteira.

O puxador é aquele que derruba o boi e o esteira é aquele que tem a função de pegar a cauda do boi e entregar para o puxador. As disputas são feitas da seguinte maneira: quando a porteira se abre, o bate esteira pega a cauda do boi e entrega para o puxador, onde este dá um giro na cauda, puxa a, derrubando o boi, que deverá cair na área demarcada pelas duas faixas, com as patas levantadas sem tocar em nenhuma das faixas. Caso isso aconteça, diz-se “valeu boi” e os pontos são contados; caso contrário, a expressão é zero.

Possui também a divisão entre as categorias: profissional e amador. Os profissionais são aqueles contratados pelos parques de vaquejada ou por algum

proprietário de haras ou de fazenda de gado; os amadores são os que praticam “por esporte ou atividade de lazer”. Os vaqueiros profissionais, como aponta MAIA (2003, p. 173) “trabalham diariamente tratando dos cavalos e treinando-os para as corridas [...]residem nas propriedades e recebem um salário mensal”.

Giddens (2000) afirma que nos lugares sertanejos onde são mantidas as festas do vaqueiro permanece a identidade cultural construída por meio de símbolos de uma memória coletiva, alicerçada por histórias de bravura, coragem e sagacidade de vaqueiros de outrora. A festa é considerada “uma tradição enquanto o passado estrutura o presente mediante crenças e sentimentos coletivos e compartilhados” (GIDDENS, 2000, p. 5657).

A cultura vaqueira conseguiu se manter viva até hoje, apesar das inúmeras barreiras que precisou enfrentar, porém, é inegável que ela sofreu influências do mundo contemporâneo. Conforme cita Souza, vemos que vaqueiros modernos lidam com o gado usando roupas jeans, boné e motos, mas em apresentações culturais vestem seus gibões, usam o chapéu de couro e montam em seus cavalos. Traços de sua cultura arcaica, ou pelo menos visualmente primitiva, continuam sendo à base de espetáculo desses eventos, mas é sabido que a profissão sofreu ressignificações culturais pelo intercâmbio com novas culturas e aportes culturais, decorrentes dos avanços tecnológicos ao longo dos tempos (SOUZA, 2011).



Fonte: <https://ne9.com.br/vaqueiro-nordestino-entenda-mais-sobre-um-dos-simbolo-do-sertao/>

A vestimenta do vaqueiro ainda é utilizada nas vaquejadas e o reconhecimento do profissional vaqueiro se dá justamente por seu aparato arcaico que demonstra este profissional perante a sociedade, mesmo por tantas mudanças tecnológicas que já aconteceram durante décadas.

Evidencia-se, portanto, que a cultura vaqueira, assim como tantas outras culturas populares trazem com a sua historicidade de tradição e alicerçada em crenças, religiosidade e saberes extremamente valiosos que são transmitidos de geração para a geração, valores que devem ser aproveitados no ambiente escolar de forma que venha contribuir não apenas para enriquecimento do saber local, mas também nacional.

Morin (2006) afirma que “[...] a sociedade está caminhando para ser uma sociedade que aprende de novas maneiras, por novos caminhos, com novos participantes (atores), de forma contínua” e acrescenta que “[...] a educação escolar precisa, cada vez mais, ajudar a todos a aprender de forma mais integral, humana, afetiva e ética, integrando o individual e o social, os diversos ritmos, métodos, tecnologias, para construir cidadãos plenos em todas as dimensões” (MORIN, 2006, p. 89).

Conclusão:

Portanto, dentro das fontes aqui mencionada para este projeto, buscando enxergar com o olhar de historiador a identidade do vaqueiro em suas regiões mais especificadamente na cidade de Picos-PI e como exploramos essas ideias, em um recorte temporal ao entendimento da nova realidade atual destes símbolos da criação do Vaqueiro na expansão de cultura e conhecimentos vividos e passado de gerações a gerações.

A criação a vida do Vaqueiro é tão importante do tamanho da sua fé em Deus que quando partem para outro mundo, ao pecador Deus perdoa todos os pecadores quem já sofreu muito nesta terra lá de cima, onde a coragem agarrada ao talento à disposição a consideração da persistência é a honra do Homem Nordestino um lindo brado a um chamamento do gado nas catingas do Sertão que encanta quem nunca viu ou ouviu cantar.

Uma classe que no tempo de hoje não é tão valorizada, na qual, não existe uma associação ainda que regula é um serviço que não é tão reconhecido, mas muito importante e o melhor de tudo é a nossa cultura é o nosso patrimônio cultural e nós devemos com certeza valorizar e muito né nascido no Piauí mais criado no sul do país o comerciante participou da cavalgada com traje tipicamente, gaúchos. Todavia, preservam sua religiosidade em agradecimento e gratidão a Graças a Deus, através de missa como um ponto mais alto o momento, em que o vaqueiro chega e diante do altar para um momento para agradecer a Deus por todas as conquistas por mais simples e humilde que a vida do vaqueiro luta, ele se sente um homem rico e honrado por estar vivo a cada ano que chega.

Diante de todo já relatado e estudado, visto de um marco temporal podermos concluir a suma importância de contribuirmos para a historiografia bibliográfica e cultural de nossa cidade Picos e também de nosso Estado, trazer estas memórias das origens de um povo forte e lutador, bem como não deixando que as tradições sejam esquecidas pela globalização e pelo êxodo rural. Além de compreender a relação do

vaqueiro como identidade e símbolo de um povo originário, bem como as pegadas de boi, as vaquejadas e suas religiosidades. Como estão se mantendo vivas tais culturas e tradições presentemente, além de demonstrar como as políticas públicas existentes têm contribuído para a preservação da cultura e tradição local, além de servir como crescimento ao turismo na região.

Esta, práticas estão sendo renovadas, a cada momento percebe-se que o historiador está em busca de memórias de conhecimentos, não somente atrás de conceitos, mais sim de algo, que possa interessar a sociedade, por meio de técnicas, dinâmicas, contextualização e envolvimento dos aspectos sociais e culturais de uma determinada identidade cultural.

Contudo, compreender, a partir do presente estudo, a cultura como um sistema de pensamentos, costumes de uma localidade, valores imateriais, hábitos e crenças comuns a um determinado povo ou etnia, próprios de seres humanos, no conhecimento e reconhecimento da vida e do mundo. Onde toda e qualquer comunidade tem seus próprios meios de expressão culturais e os produtos dessa interação serão a base específica para a criação das políticas e critérios de governabilidade das bases sociais, econômicas e culturais.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BARROSO, Maria das Graças Saraiva. **A escravidão e a crise do escravismo no antigo município de Picos – MA.** Disponível em: . Acesso em: 12 de outubro de 2010.

BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico.* In. **Sobre o poder simbólico.** Tradução Fernando Tomaz, 8°. Ed.- Bertrand Brasil, 2005.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, o Ofício de Historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **O escravo na formação social do Piauí:** perspectiva histórica do século VXIII. Apresentação de Arnaldo Souto Maior. _Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, 1999.

BRASIL. **Decreto n. 10.220, de 11 de abril de 2001.** Institui normas gerais relativas à atividade de peão de rodeio, equiparando-o a atleta profissional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10220.htm>. Acesso em: 02 de novembro de 2010.

CARVALHO, Cynthia Xavier de; MOREIRA, Ivan Targino. **Desenvolvimento Tecnológico e Relações de Trabalho na Agricultura:** O Caso de São José do Belmonte-PE. Disponível em: . Acesso em: 02 de novembro de 2010.

CARVALHO, Eliângela. **Vaquejada:** Esporte Nordestino. Disponível em: . Acesso em: 30 de outubro de 2010.

CARR, Edward Hallet. *O Historiador e seus fatos.* In: **O que é História.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 11-29.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **A vaquejada Nordestina e sua Origem.** Natal: Fundação José Augusto, 1976.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os dias de Paupéria:** Torquato Neto e a invenção da Tropicália. São Paulo: Annablume, 2005.

CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o vaqueiro.** 11 ed. Teresina: Quixote, 2012.

CAVIGNAC, Julie. **A Literatura de Cordel no Nordeste do Brasil**. Da história escrita ao relato oral. Natal: Editora da UFRN, 2006.

COSTA FILHO, Alcebíades. **A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí, 1850-1889**. Teresina: Fundação Cultural Mons. Chaves, 2006.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

DIAS, Claudete Maria Miranda. **Balaios e Bem-Te-Vis: A guerrilha sertaneja**. 2º ed. Teresina. Instituto Dom Barreto, 2002.

EDILSON, Amado. **Vaqueiro Desprezado**. Disponível em: . Acesso em: 30 de outubro de 2010.

FALCI, Miridan Brito Knox. **Escravos do Sertão Demografia, Trabalho e Relações Sociais**. Piauí 1986-1888. Teresina. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

FURTADO, Celso. 2007 [1959]. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação à hermenêutica filosófica**. Tradução de Bennó Dischinger. São Leopoldo: Ed: Unisiniós, 1999 (Coleção fixus).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Porto Alegre: DP&A, 1999.

LOPES, José Sérgio. Coordenador. **Cultura e Identidade Operária: aspectos da classe trabalhadora**. Ed. Marco Zero Ltda.

LOPES, Camilo Antônio Silva. 2016. **Vaqueiros, seleiros, carreiros e trançadores: uma etnografia com coisas, pessoas e signos**. Tese de doutorado. Campinas, SP: PPGCS/Unicamp.

MAIA, Dorálice Sátiro. **A vaquejada: de festa sertaneja a espetáculo nas cidades**. In: ALMEIDA, Maria Geralda; RATTS, Alecsandro J.P. (orgs.). Geografia: Leituras Culturais. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 159-183

MARTINS, José de Sousa. **Os camponeses e a política no Brasil**. São Paulo: Vozes, p. 50-51.

MOTT, Luiz. **Piauí colonial: população, economia e sociedade**. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2010.

NUNES, Odilon. **Pesquisas para história do Piauí**. Teresina: FUNDAPI; Fund.Mons. Chaves, 2007.

QUEIROZ, Teresinha. **Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo**. 3. Ed. rev./Teresina: EDUFPI, 2006.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: evolução e sentido do Brasil**: São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SALES, Aline Pinheiro de. **O vaqueiro no Piauí: práticas e representações culturais em Picos-PI (1980-2000)**. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2015.

SILVA, Ligia Osório. **Terras devolutas e latifúndio: efeitos da Lei de Terras de 1850**. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 2008

SILVA, Thomas de Carvalho. **A prática da Vaquejada à luz da Constituição Federal de 1988**. Jus Navigandi, Teresina, ano 12, n. 1598, 16 nov. 2007. Disponível em: . Acesso em: 01 nov. 2010.

SOUSA, Jane Bezerra de. **O ensino Municipal e o ensino Privado em Picos**. (1929-1949). In: II encontro interdisciplinar em Picos. Picos: EDUFPI, 2006.

SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. **História e identidade: narrativas da piauiensidade**. Teresina: EDUFPI, 2010.

TAPETY, Audrey Freitas. **“O Vaqueiro no Piauí”**: representações e práticas socioculturais (1980-2000). Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Piauí. Teresina: UFPI, 2007.

TOLEDO, Maria Fátima de Melo. **A possibilidade de ascensão social do vaqueiro no sertão do São Francisco: uma análise historiográfica**. Disponível em: < http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_I/maria_fatima_melo.pdf>. Acesso em: 12 de outubro de 2010.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO ELETRÔNICA
DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NA BASE DE DADOS DA
BIBLIOTECA

1. Identificação do material bibliográfico:

Monografia [] TCC Artigo

Outro: _____

2. Identificação do Trabalho Científico:

Curso de Graduação: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

Centro: SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS

Autor(a): CNEILDO FERTULIANO LEAL ROCHA

E-mail (opcional): chneilrocha@gmail.com

Orientador (a): PROF. DR. FRANCISCO GLEISON DA COSTA MONTEIRO

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI.

Membro da banca: PROF. DR. FRANCISCO GLEISON DA COSTA MONTEIRO

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI.

Membro da banca: PROF. DR. JOSÉ LINS DUARTE

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI.

Membro da banca: PROF. DR. JOHNY SANTANA DE ARAÚJO

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI.

Titulação obtida: LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Data da defesa: 02/07/2025

Título do trabalho: O VAQUEIRO E SUAS IDENTIDADES NO SEMI-
ÁRIDO DO PIAUÍ (1985-1990).

3. Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:

Liberação para publicação:

Total:

Parcial: . Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capítulos(s) a serem publicados: _____

.....

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Considerando a portaria nº 360, de 18 de maio de 2022 que dispõe em seu Art. 1º sobre a conversão do acervo acadêmico das instituições de educação superior - IES, pertencentes ao sistema federal de ensino, para o meio digital, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, na base dados da biblioteca, no formato especificado* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local: Picos - PI Data: 15/07/2025

Assinatura do(a) autor(a): Emílio Tatelane Real Rocha

* **Texto** (PDF); **imagem** (JPG ou GIF); **som** (WAV, MPEG, MP3); **Vídeo** (AVI, QT).